

SOLILÓQUIOS OU DOS BENEFÍCIOS DE SUBMETER-SE ÀS EXIGÊNCIAS DA RAZÃO

SOLILOQUIES OR THE BENEFITS OF SUBMITTING TO THE DEMANDS OF REASON

Sílvia Maria de Contaldo*

RESUMO

Neste artigo visou apresentar possibilidades de revisão interpretativa da obra *Solilóquios* de santo Agostinho (354-430), escrita no seu retiro em Cassiciaco, logo após a sua conversão. Numa conversa consigo mesmo – solilóquio – santo Agostinho ressalta a importância da atitude auto-interrogativa, sem que se despreze a fé. O conhecimento que se alcança pela razão e pelo assentimento da fé, em *Solilóquios*, é expressão de um arco tensionado que mira a Verdade.

Palavras-chave: Santo Agostinho. Solilóquios. Filosofia. Razão. Fé.

ABSTRACT

This article presents the possibilities of interpretive review of the work *Soliloquios* of Saint Augustine (354-430), written in his retreat in Cassiciaco, soon after his conversion. In a conversation with himself – a soliloquy – Saint Augustine emphasizes the importance of a self-interrogative attitude, without despising faith. The knowledge that is achieved by reason and by the assent of faith, in *Soliloquies*, is the expression of a stretched bow that aims at the Truth.

Keywords: Saint Augustine. Soliloquies. Philosophy. Reason. Faith.

“Com a ajuda de Deus, pareceu-me bom investigar a verdade de maneira muito tranquila e conveniente, segundo me parece, perguntando-me e respondendo a mim mesmo” (*Solilóquios*, II, 13, 14)

INTRODUÇÃO

Começo esse texto¹ por uma breve explicação do subtítulo. Escolhida a obra *Solilóquios* de Santo Agostinho, um dos mais importantes pensadores do Ocidente cristão, pensei ser necessário delimitar certas margens, dadas às inúmeras interrogações que emergem da leitura desse ‘diálogo consigo mesmo’. Travar uma conversa consigo mesmo não é tão fácil assim. Precisamos de humildade para reconhecer que não sabemos tudo e de coragem para um

Artigo submetido em 17 de novembro de 2022 e aprovado em 27 de dezembro de 2022.

* Professora de Filosofia Medieval da PUC Minas. Doutora em Filosofia Medieval pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Autora de artigos e livros temáticos. E-mail: silviacontaldo@yahoo.com.br

¹ Este texto foi apresentado como Aula Magna, proferida na FASBAM, Faculdade São Basílio, Curitiba, em 6 de fevereiro de 2023. Permanece o tema coloquial que, espero, sem prejuízo para o entendimento filosófico da obra.

mergulho em nós mesmos, sem rede de proteção. Ou melhor, há uma rede de proteção que pode ser vista apenas com o “olhar da alma que é a razão”² (AGOSTINHO, Sol. I, iv, 13)³

Agostinho de Hipona não é um autor fácil. Não só pelo conjunto de sua obra – pois ele nos deixou “93 obras, compostas em 232 pequenos livros, maços de cartas suas e, talvez, capas repletas de antologias de seus sermões, anotados pelos estenógrafos de seus admiradores, conforme registra Peter Brown (2005. p.536), mas também pela amplitude que confere a cada um dos temas em geniais intersecções.

Por exemplo, *Confissões*, sua autobiografia muito lida e por vezes mal compreendida, é um canteiro de problemas filosóficos e teológicos que ainda hoje nos fazem pensar. Questões sobre a existência do mal, sobre o litígio das nossas vontades conflitantes, sobre nossas angústias existenciais e cotidianas – sobre a morte e nossas perdas irreparáveis, para citar algumas, estão lá semeadas.

Além disso, Agostinho é “um formulador impenitente de perguntas incômodas”, como lhe descreveu Peter Brown e, por isso mesmo, pôde livremente refazer conceitos, reparar afirmações, apontar fragilidades em inúmeras obras de sua autoria, sem se melindrar por isso.

Resultado dessa prática reparadora está *Retratações*, escrita por volta de 427. Leitura obrigatória, ponto de partida para qualquer investigação acerca do pensamento filosófico-teológico de Agostinho. É uma espécie de *check-list* que todo leitor de Agostinho deve conferir antes de enveredar-se nas cinco milhões de palavras que constituem o edifício textual que Agostinho construiu ao longo da vida.

Pois bem, vamos tratar de *Solilóquios*, que foi escrita em seu retiro em Cassiciáco, no período de novembro de 386 a março de 387. Desse ócio reparador, pós conversão, Agostinho produziu, além de *Solilóquios*, as obras *Contra Acadêmicos*, *Sobre a vida feliz* e *Sobre a ordem*, escritos intitulados *Diálogos Filosóficos*.

Essas observações iniciais são para dizer que tomei a liberdade, por minha conta e risco, de acrescentar aos *Solilóquios* um subtítulo com o propósito de ser um fio condutor que nos possibilite, passo a passo, compreender uma das mais bonitas lições de Agostinho: submeter-se às exigências da razão sem qualquer receio ou temor de por à prova sua fé.

1 POSSIBILIDADES DE REVISÃO INTERPRETATIVA

Penso então que, sob essa perspectiva podemos ressaltar alguns pontos, lembrando sempre que leituras e interpretações são sempre inconclusas. Haverá sempre algo a ser re-visto, como tem sido a empreitada filosófica no Ocidente iniciada há dois mil e quinhentos anos: um apaixonado exercício da razão interrogante que Agostinho tão bem demonstrou em *Solilóquios*.

Recém-convertido ele mesmo declara seu estado de espírito: “Agostinho com o próprio Agostinho” – *Augustinius ipse cum Augustino*, numa carta dirigida a seu dileto amigo cartaginês, Nebrídio:

Li de facto a tua carta à luz da lanterna, quando já tinha jantado. Está próximo o momento de me deitar, mas não de dormir: e de facto, deitado no leito, refleti longamente comigo mesmo e tive este diálogo, eu, Agostinho, com o próprio Agostinho: Será de facto verdade o que pensa Nebrídio, que somos felizes? Certamente que não. Pois de facto nem ele próprio ousará negar que ainda somos ignorantes (AGOSTINHO, Carta 3,1)⁴

³ “Aspectus animae, ratio es”

⁴ Cf. Carta 3, a Nebrídio, escrita no início de 387: “Legi enim litteras tuas ad lucernam iam coenatus; proxime erat cubitio, sed non ita etiam dormitio: quippe diu mecum in lecto situs cogitavi, atque has loquelas habui, Augustinus ipse cum Augustino: Nonne verum est quod Nebridio placet, beatos nos esse? Non utique; nam stultos adhuc esse, nec ipse audet negare. Quid, si etiam stultis beata vita contingit?”

Vejamos, então um primeiro ponto. Qual é o propósito dessa obra? Porque Agostinho põe-se a si mesmo à prova, sem dó, quase à exaustão?

Essa conversa consigo mesmo Agostinho denominará de *Solilóquios*, na verdade, ‘conversações a sós entre Agostinho e sua razão’. Pelo menos é como ele define essa metodologia de inspiração socrática: “Por serem conversações a sós entre nós, quero denominá-las e dar-lhes o título de *Solilóquios*, certamente um título novo e, talvez, seco, mas bastante adequado para indicar o nosso estilo” (AGOSTINHO, Sol. II, vii, 14)⁵

De fato, a obra desenrolar-se-á por conversações, às vezes extenuantes, a partir de uma primeiríssima interrogação que lhe provocou, ao longo da vida, profundas inquietações.

Solilóquios começa assim:

Enquanto incessantemente durante muitos dias eu pensava comigo mesmo sobre muitos e diversos assuntos e procurava com diligência a mim mesmo, o meu bem e o que de mal devesse ser evitado, de repente uma voz me fala, não sei se fui eu mesmo ou outro qualquer, exterior ou interiormente. É isso que desejo imensamente saber (AGOSTINHO, Sol. I, i, 1)⁶

E que voz é essa? A Razão! Uma vez aceita a companhia de tão ilustre interlocutora, Agostinho concorda de bom grado com sua recomendação: rezar!

Foi o que Agostinho fez, o que ocupa todo o primeiro capítulo de *Solilóquios*. Uma oração. Sua conversa consigo mesmo começa com uma prece a Deus, um ardoroso hino, no qual a palavra Deus aparece 61 vezes. A palavra Pai, num fôlego cadencial, aparece 14 vezes, denotando súplica e prece. Interessante observar que essa oração inicial, que ocupa o primeiro capítulo por inteiro, foi motivada por um pedido da sua própria razão: “Pede a Deus saúde e auxílio para que chegues à meta desejada. E escreve tua oração” (AGOSTINHO, Sol. I, i, 1)⁷.

E qual seria a meta que Agostinho pretende alcançar nessa conversa consigo mesmo? É o que está posto no capítulo seguinte:

A. Fiz minha oração a Deus.
R. Então, o que desejas saber?
A. Tudo o que pedi na oração.
R. Faze um breve resumo de tudo.
A. Desejo conhecer a Deus e a alma
R. Nada mais?
A. Absolutamente nada⁸ (AGOSTINHO, Sol. I, ii, 7)

⁵ “Ridiculum est si te pudet, quasi non ob id ipsum elegerimus huiusmodi sermocinationes: quae quoniam cum solis nobis loquimur, *Soliloquia* vocari et inscribi volo; novo quidem et fortasse duro nomine, sed ad rem demonstrandam satis idôneo”

⁶ “Volventi mihi multa ac varia mecum diu, ac per multos dies sedulo quaerenti memetipsum ac bonum meum, quidve mali evitandum esset; ait mihi subito, sive ego ipse, sive alius quis extrinsecus, sive intrinsecus, nescio: nam hoc ipsum est quod magnopere scire molior; ait ergo mihi”

⁷ “Ora salutem et auxilium quo ad concupita pervenias, et hoc ipsum litteris manda, ut prole tua fias animosior. Deinde quod invenis paucis conclusiunculis breviter collige. Nec modo cures invitationem turbae legentium; paucis ista sat erunt civibus tuis.”

⁸ “Ecce oravi Deum .

R. - Quid ergo scire vis?

A. - Haec ipsa omnia quae oravi.

R. - Breviter ea collige.

A. - Deum et animam scire cupio.

R. - Nihilne plus?

A. - Nihil omnino.

R. - Ergo incipe quaerere. Sed prius explica quomodo tibi si demonstretur Deus, possis dicere: Sat est.”

Apenas duas palavras para sintetizar uma oração de beleza inigualável e que prenunciam o exercício filosófico que Agostinho empreenderá em busca da verdade. Para esse fim Agostinho dará à sua razão um status terapêutico. Numa original auto-interlocução percebe-se, ao longo de toda a obra - inacabada por sinal, um esforço progressivo de fazer perguntas, frisar contradições, revisar conceitos. *Solilóquios* é exemplo de pensamento autêntico, isto é, é progressivo e criador, conforme definiu Lima Vaz:

o progresso em Filosofia deve consistir justamente em adivinhar na face nova das aporias concretas que solicitam o espírito, sob a conjunção de dado céu histórico, os traços antigos desses problemas que bem se chamam 'eternos' e cuja permanência é como o signo que revela a constância de nossa natureza e a unidade de nosso destino (LIMA VAZ, 2001, p.58).

Pois bem, literalmente sob aquele céu histórico, Agostinho submete-se às exigências de sua razão interrogante, coerente com aquilo mesmo que pedira em sua prece inicial: “Deus, que nos purificas e nos prepara para os prêmios divinos, chega-te a mim com benevolência” (AGOSTINHO, Sol. I, 1,32)⁹.

Vamos então a um segundo ponto. *Solilóquios* é registro desse itinerário auto-interrogante. Compõe-se de duas partes ou livros que somam 35 capítulos. Pequenos capítulos, cuidadosamente entrelaçados. Agostinho não descreve o que pensou. Não! Na expressão do filósofo alemão Karl Jaspers, *Agostinho pensa perguntando*.

Por causa dessa estratégia autodidática, a cada capítulo também nós mergulhamos num enredo de perguntas, em rodeios bem tramados, bem tecidos. Não é mera exposição de questões cujas respostas estão previamente formatadas, à semelhança daqueles antiquados livros didáticos de propriedade exclusiva de professores que privilegiavam mais a repetição do que a indagação.

Ao contrário, *Solilóquios* é registro textual do exercício do pensar em meio a tropeços e obstáculos que todos nós, de algum modo, já experimentamos. Desde uma dor de dente – que impede qualquer um de fazer qualquer coisa, até o sofrimento e incômodos existenciais suscitados pela atitude reflexiva. Por exemplo, ao final do Livro I, Agostinho se queixa: “Tenho muito medo da dor não por outra razão senão porque me impede a investigação. Nesses dias tenho sido atormentado por uma fortíssima dor de dentes, que não me permitia pensar senão nas coisas que já havia aprendido, mas me impedia completamente de aprender novas coisas, pois para isso é necessária toda a atenção”¹⁰ (AGOSTINHO, Sol. I, XII, 21)

Ainda no capítulo XIV do mesmo Livro I, quando já ficara explicitado que a via ascensional, isto é, o ‘voar das trevas à luz’ (Sol. I, XIV, 24)¹¹ é condição para que alcancemos a sabedoria, Agostinho desaba: “Por favor, cala-te-, cala-te. Porque me atormentas, por que escavas tanto e vais tão profundo? Já não aguento chorar tanto, já não prometo nada, não presumo mais nada; não me pergunte mais a respeito dessas coisas”¹² (AGOSTINHO, Sol. I, XIV, 26)

⁹ “eus qui nos purgas, et ad divina praeparas praemia, adveni mihi propitius tu”

¹⁰ “Et ipsum non ob aliud vehementer formido, nisi quia me impedit a quaerendo. Quamquam enim acerrimo his diebus dentium dolore torquerer, non quidem sinebar animo volvere, nisi ea quae iam forte didiceram; a discendo autem penitus impediabar, ad quod mihi tota intentione animi opus erat”

¹¹ “R. - Unum est quod tibi possum praecipere; nihil plus novi. Penitus esse ista sensibilia fugienda, cavendumque magnopere, dum hoc corpus agimus, ne quo eorum visco pennae nostrae impediatur, quibus integris perfectisque opus est, ut ad illam lucem ab his tenebris evolemus:”

¹²: “Tace, obsecro, tace. Quid crucias? quid tantum fodis alteque descendis? Iam flere non duro, iamiam nihil promitto, nihil praesumo, ne me de istis rebus interroges”

De fato, submeter-se a um interrogatório da razão não é tarefa fácil. Melhor não pensar, dizem alguns. Mas era Agostinho - Agostinho e suas perguntas incômodas, Agostinho e suas regiões de fome. “Eu tinha fome e sede, não daquelas obras, mas de ti mesma, de ti, ó Verdade, em que não há mudança, nem sombra de movimento” (AGOSTINHO, Conf. III, VI, 10)¹³.

Bem, repreendido pela razão, Agostinho prosseguirá ‘soliloquiando’: “Pára de chorar tem coragem. Já choraste demais e isto piorará tua doença de peito” (AGOSTINHO, Sol. XIV, 26)¹⁴. Mais um capítulo e ele fará uma pausa, interrompendo o trabalho por bastante tempo, como lê-se no início do Livro II: “Nosso trabalho ficou interrompido por bastante tempo e o amor se torna impaciente, nem as lágrimas terão fim, enquanto não se conceder ao amor aquilo que se ama. Por isso, passemos ao segundo livro” (AGOSTINHO, Sol. II, I, 1)¹⁵

A Razão lhe responde: ‘Então comecemos’. Nova rodada de perguntas, entraves, armadilhas dialéticas de matizes neoplatônicas que fundamentam sua teoria do conhecimento, cujo propósito é o conhecimento de Deus. A Razão, no último capítulo, lhe adverte: “Alias não fazemos outra coisa, com todos esses rodeios, senão fazer com que tu exerces para estar apto a vê-la – [a verdade]” (AGOSTINHO, Sol. II, XX,34)¹⁶.

Desse modo então, de questão em questão, vai ficando claro que a verdade se alcança por um esforço paulatino de deixar para trás as impressões sensíveis, por vezes enganosas e por uma melhora gradativa na acuidade dos ‘olhos da alma’, para que sejamos capazes de ver além das aparências. Mas, se se espera ao longo da leitura, um final feliz, enfim o encontro com Verdade luminosa depois de tamanho esforço, uma espécie de prêmio arrebatador, sinto dizer...

Agostinho não nos oferece uma conclusão. Haveria um terceiro Livro¹⁷, nunca terminado, em que se discutiria com mais cuidado e sutileza a distinção entre imaginação e verdade e a imortalidade da alma, garantias metafísicas para chegarmos à verdade, que é Deus.

Esses temas, como tantos outros, ocuparão obras de fôlego, de densidade filosófica e teológica que serão base conceitual não só das teologias escolásticas, mas de questões filosóficas que não perdem sua atualidade.

2 RAZÃO E FÉ COMO ARCO TENSIONAL DE INTERSEÇÃO HISTÓRICA

No entanto, se a obra é inconclusa, façamos a pergunta para nós mesmos. Quais lições, quais caminhos, quais pistas de reflexão podemos apreender com os *Solilóquios*?

Valeria a pena, nesse mundo de respostas que estão no balcão do *self service*, prontas para serem consumidas sem qualquer exame da razão, voltar aos *Solilóquios*?

Penso que sim pois, como afirma Lima Vaz, “a verdade não é qualquer categoria abstrata, mas uma presença atuante no mais íntimo da mente [...]Descobri-la é empenhar-se [...] numa relação portanto rigorosamente pessoal, num ato religioso em suma” (LIMA VAZ, 2001, p. 86).

Nesse sentido podemos considerar que o caminho que Agostinho percorre em *Solilóquios* – e em tantas outras obras – já explicitara aquilo que Lima Vaz chama de

¹³ “At ego nec priora illa, sed te ipsam, te, Veritas, in qua *non est commutatio nec momenti obumbratio* ²⁸, esuriebam et sitiēbam ²⁹. Et apponebantur adhuc mihi in illis ferculis phantasmata splendida, quibus iam melius erat amare istum solem saltem istis oculis verum quam illa falsa animo decepto per óculos”.

¹⁴ “Sed iam cohibe te a lacrymis, et stringe animum”

¹⁵ “Satis intermissum est opus nostrum, et impatiens est amor, nec lacrymis modus fit, nisi amor detur quod amatur: quare, aggrediamur librum secundum”

¹⁶ Cf. *Solilóquios* (II, XX, 34): “Hoc quaeris quod videre nisi mundissimus non potest, et ad cuius rei visionem parum es exercitatus; neque nunc per istos circuitus aliud quam exercitationem tuam, ut illud videre sis idoneus, operamur”

¹⁷ a obra *A imortalidade da alma* equivaleria ao terceiro livro, como se fosse a sequência de *Solilóquios*.

Agostinho já não estava em Cassiciaco. *A Imortalidade da alma* foi escrita em Milão, antes seu batismo, no fim de 386 e início de 387.

“intelligentia spiritualis”, ou seja, [a filosofia de Agostinho] situa-se ‘no ponto preciso em que pesquisa intelectual e tensão espiritual coincidem, participando do mesmo esforço e desenhando a mesma curva’ (LUBAC apud LIMA VAZ, 2001, p. 86).

Esse arco tensional, sustentação de *Solilóquios*, aponta para uma das questões que Agostinho sempre teve em alta conta: a distinção entre os âmbitos da fé e da razão, não raro obstruídos por uma demarcação indevida. Como acentua Lima Vaz, trata-se de uma curva e não de retas paralelas que estabeleceriam muros intransponíveis entre Filosofia e Teologia. Por isso, a imagem de um arco tensional.

Então, como vimos, desde a pergunta inicial – Agostinho deseja conhecer Deus e a alma (AGOSTINHO, Sol. I, II,7)¹⁸ e, sem abandonar sua fé, pedira a Deus que lhe desse o conhecimento: “Mas agora o que busco não é crer e sim saber. Pois pode-se dizer com certeza que cremos em tudo o que sabemos, mas não sabemos aquilo que cremos (AGOSTINHO, Sol., I, III,8)¹⁹.

Será esse o dispositivo da Razão para fazer emergir muitas interrogações. Não se trata de investigar o que conhecer, mas como conhecer. Agostinho nos propõe um método para que investiguemos as possibilidades de chegarmos ao conhecimento de Deus o mais profundamente possível, processualmente, aos poucos. A Razão não tem pressa: “Não te apresses, pois estamos com o tempo livre” (AGOSTINHO, Sol, I, IV,9)²⁰ o que permitiu a Agostinho seguir rigorosamente a velha recomendação socrática: “Procede com cautela em tuas afirmações para não serem imprudentes”, recomenda-lhe a sua Razão, logo no capítulo IV do Livro Primeiro (AGOSTINHO, Sol, I, IV, 9)²¹.

Sem dúvida, Agostinho em *Solilóquios* nos deu um belíssimo exemplo do quão fascinante pode ser o filosofar. Deixando-se corrigir pela Razão, muitas vezes severamente, procede passo a passo, seja cotejando afirmações de outros pensadores – em *Solilóquios* são citados Platão, Plotino, os estoicos, seja enveredando por outros saberes, tais como a geometria. Se a pretensão inicial era chegar ao conhecimento de Deus, Agostinho logo se deu conta que o caminho só poderia ser ascendente. Das coisas sensíveis às inteligíveis, pois “se as mais sólidas verdades das ciências se assemelham aos objetos iluminados pelo sol [...] é o próprio Deus o sol que banha tudo com sua luz (AGOSTINHO, Sol, I, VI, 12)²².

Solilóquios é então um convite. A Razão nos convida a olhar. Atenção. Não basta ter olhos. É preciso aprender a olhar para alcançar a Verdade com os olhos da razão. Podemos ver as coisas, mas ver não é olhar, adverte a Razão no Livro I (AGOSTINHO, Sol. I, VI, 12)²³

Podemos concluir que os *Solilóquios* são uma janela da alma que se abre em muitas direções? Sim, podemos. No entanto, manter essa janela aberta também depende da fé: “olhos sadios equivalem a mente purificada de toda mancha corporal. Isto é, afastada e limpa de toda

¹⁸ “R. - Breviter ea collige.

A. - Deum et animam scire cupio.

R. - Nihilne plus?

A. - Nihil omnino”

¹⁹ “Sed ego quid sciam quaero, non quid credam. Omne autem quod scimus, recte fortasse etiam credere dicimur; at non omne quod credimus, etiam scire.”

²⁰ “Ne propera, otiosi sumus”

²¹ Intentus tantum accipe, ne quid temere concedas. Gaudentem te studeo reddere de rebus quibus nullum casum pertimescas, et quasi parvum negotium sit, praecipitare iubes?

²² “ Nam mentis quasi sui sunt oculi sensus animae; disciplinarum autem quaeque certissima talia sunt, qualia illa quae sole illustrantur, ut videri possint, veluti terra est atque terrena omnia: Deus autem est ipse qui illustrat”

²³ “Non enim hoc est habere oculos quod aspicere; aut item hoc est aspicere quod videre. “

paixão de coisas perecíveis, o que somente a fé, em primeiro lugar, lhe pode proporcionar” (AGOSTINHO, Sol. I, VI, 12)²⁴.

Nesse sentido, significaria então que todo o esforço de se submeter às exigências da razão teriam sido em vão, visto uma suposta superioridade da fé? De jeito nenhum, pois, diz a Razão, “ninguém haverá de se esforçar para conseguir a saúde dos olhos, se não crer que isso é indispensável para ver o que não pode ser revelado, por se achar no vício e na debilidade” (AGOSTINHO, Sol. I, VI, 12)²⁵.

Vale dizer, a Razão, sem invalidar o conhecimento que se alcança com o intelecto, reafirma a indispensabilidade da fé para a compreensão da verdade, que, para Agostinho, é Deus. Sem esse entrelaçamento entre fé e razão não haveria cura para a alma. A cura, no caso, não depende de uma receita que seja válida para todos, mas da prática do solilóquio. Não vem de fora, não nos é imposta. É disposição do sujeito para dialogar consigo mesmo, sabendo, como escreveu Agostinho, que não há caminho único que conduz à sabedoria. Cada qual abraça esse bem singular e verdadeiro conforme seu estado de saúde e força interior” (AGOSTINHO, Sol. I, XIII,23)²⁶.

Assim, nesse novo ano escolar, sigamos fortalecidos na boa companhia da nossa razão que exige de nós, apenas, disposição para continuar a aprender a fazer boas perguntas.

A GUIA DE CONCLUSÃO

Um último comentário: em uma edição portuguesa da obra *Solilóquios*, no ano de 1897, o cardeal bispo do Porto, de nome Américo, concedia cem dias de indulgência a cada vez que um membro daquela diocese lesse algum capítulo e meditasse sobre o tema.

Não sei se Agostinho estaria de acordo com essa operação contábil. Sei que Agostinho jamais renunciou aos enfrentamentos da Razão, tornando-se inspiração para todos nós que ainda cremos que, pôr-se à escuta de si mesmo, apesar dos barulhos ensurdecadores – de todas as naturezas, corremos menos risco de ser como “as araras, os papagaios e os periquitos que aprendem a falar sem saber o que dizem” como Agostinho já alertara aos seus contemporâneos em seu comentário ao Salmo 18 (AGOSTINHO, en.Ps, 18, II, 1)²⁷.

Não sejamos, pois, nem papagaios, nem araras, mas inspirados por Agostinho, ousemos *soliloquiar*.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. *Solilóquios*. 3.ed. São Paulo: Paulus, 2007, p.15-108

AGOSTINHO. *Solilóquios*.

²⁴ “Ergo animae tribus quibusdam rebus, opus est ut oculos habeat quibus iam bene uti possit, ut aspiciat, ut videat. Oculus animae mens est ab omni labe corporis pura, id est, a cupiditatibus rerum mortalium iam remota atque purgata: quod ei nihil aliud praestat quam fides primo

²⁵ “Quid, si et credat ita se habere omnia, et se speret posse sanari, ipsam tamen quae promittitur lucem non amet, non desideret, suisque tenebris, quae iam consuetudine iucundae sunt, se arbitretur debere interim esse contentam; nonne medicum illum nihilominus respuit?”

²⁶ “Prorsus tales esse amatores sapientiae decet. Tales quaerit illa cuius vere casta est, et sine ulla contaminatione coniunctio. Sed non ad eam una via pervenitur. Quippe pro sua quisque sanitate ac firmitate comprehendit illud singulare ac verissimum bonum. Lux est quaedam ineffabilis et incomprehensibilis mentium. Lux ista vulgaris nos doceat quantum potest, quomodo se illud hab”eat.

²⁷ “Deprecati Dominum, ut ab occultis nostris mundet nos, et ab alienis parcat servis suis, quid hoc sit intellegere debemus, ut humana ratione, non quasi avium voce cantemus. Nam et meruli et psittaci et corvi et picae et huiusmodi volucres, saepe ab hominibus docentur sonare quod nesciunt.”

Disponível em: <https://www.augustinus.it/latino/soliloqui/index.htm>

BROWN, Peter. **Santo Agostinho**: Uma biografia. Tradução de Vera Ribeiro. 2. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

CONTALDO, S.M. **Cor inquietum**. Uma análise das Confissões. Porto Alegre: Letra&Vida, 2012.

FITZGERALD, Allan D. Fitzgerald (org.). **Diccionario de San Agustín**. San Agustín a través del tempo. Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2001.

JASPERS, Karl. **La fe filosófica ante la revelación**. Madrid: Gredos, 1968.

VAZ, H.C. de Lima. A metafísica da interioridade. Santo Agostinho. In: LIMA VAZ, H.C. **Ontologia e História**. Loyola, 2001, p.77-88